



Os miraculosos

Cláudio Feldman*

Santo André, Brasil

claudiofeldman@uol.com.br

1

Névoa tenra, um carroção rubro parou na única praça de Busken, dele apeando dois tipos esguios. Os cavalos começaram a tosar a grama do canteiro, enquanto os homens espancavam um grande tambor. O povo abandonou suas casas de madeira perfumada e se aglomerou ao redor do carroção. O rabino deixou o *Talmud* na mesa e correu para espiar. Mulheres enxugavam as mãos ensaboadas nos aventais e abriam os grandes olhos expectantes. O relojoeiro esqueceu um cuco, de tripas de fora, e foi dilatar a onda de curiosidade. Crianças fugiam da escola: os inspetores também saboreavam o fato novo. O esguio mais velho, que parecia o chefe, primeiro cumprimentou os cidadãos de Busken, dizendo que a névoa local era a mais bela do país. Depois falou, grifando certas palavras, que tinha sido enviado pelos bons anjos, para acalmar a tristeza de seus semelhantes. Que inferno supera o vácuo de um morto amado? Nenhum: nem a fome, *pogroms* ou furúnculos. Alguns risos cariados cessaram, quando um raio de sol, furando a névoa, veio aureolar o esguio.

Aproveitando o efeito luminoso, o homem se propôs a – nada mais, nada menos – ressuscitar os defuntos do mui digno *shtetl* de Busken. Um frêmito de admiração correu todas a espinhas, espocando num oh! geral. O juiz quase derrubou o pincenê do nariz prolixo, ao ouvir a afirmação. Acercou-se dos desconhecidos (o esguio mais jovem abaixou a cabeça) e, com sua autoridade na voz, obrigou-os a uma explicação detalhada. Se ela não convencesse, as grades mais belas do país abrigariam dois dementes ou charlatães. O esguio grisalho reafirmou que prometia devolver a vida, dali a 3 semanas, a quaisquer cadáveres com até 10 anos de sepultura. (O coveiro-mor assoou o nariz, pensativo). Para enxugar dúvidas sobre suas intenções, pediu ao excelentíssimo juiz que fiscalizasse os ressuscitamentos, impedindo fraude ou fuga. Só desejavam, até o evento, negociar seus remédios infalíveis e corar os doentes. O juiz considerou castíssima a proposição, ratificada pela euforia geral e pelo sol que conseguia cavar a névoa. Nenhum olho foi contra. O obeso senhor Jablonski, num largo gesto de boa vontade, cedeu gratuitamente seu melhor quarto aos miraculosos.

* Professor, escritor e roteirista. Publicou, dentre outros livros, *Criminário*, 2013, *Cama de pregos aforismos de bolso – IV*, 2013, e *O bilhete do morto*, 2017.



Era dono da hospedaria “Oks”. Mulheres humildes queriam beijar as mãos esguias, mas os forasteiros só aceitaram a oferta da carvoeira: alimentar os cavalos do carroção.

2

Os empregados da hospedaria descarregaram as bagagens no quarto, inclusive medicamentos, afastando quaisquer gorjetas. Afinal, nem sempre tinham o privilégio de ajudar benfeitores da humanidade. A camareira, moça de lábios carnudos, dirigiu-se ao esguio jovem, entregando-lhe toalhas limpas. Rogou-lhe que fizesse uma caridade, ressuscitando sua amada cadelinha Geneviève. A ausência do animal lhe causava insônias de fel. O jovem ia pronunciar algo, mas seu chefe arrebatou-o para dentro do quarto. O esguio grisalho, que tinha afogado sua dentadura num copo, explicou que o parceiro só deveria se aproximar dos semelhantes num último recurso, para não criar intimidades que borrassem os planos. O moço, tímido, confessou seu temor:

— Cuijck, você é hábil, mas isso não impedirá nosso enforcamento. Se Jesus só ressuscitou Lázaro após 4 dias, quantos você levará?

O esguio mais velho, abandonando um pouco o cachimbo, falou, serenamente:

— Benjamin, você, que foi circuncidado há pouco, não conhece os homens. Fique tranquilo como eu, que tudo vai sorrir. Confie em quem já viveu guerras, privações e festas e lê os corações até no escuro.

3

No dia seguinte, todas as classes sociais rumorejavam pelos corredores da hospedaria. O jovem Benjamin insistiu a Cuijck que, sem uma secretária, seria impossível coordenar a multidão transbordante. E propôs a camareira, moça muito ativa, que saberia como tratar os consulentes. O esguio mais velho discordou, argumentando que paixões não deviam se misturar a negócios. Benjamin, envergonhado, foi organizar a fila. Alguns proprietários reclamaram sua má posição, no final do enorme Z, mas o esguio jovem não quis privilegiar ninguém. A primeira cliente era a *shadkhen*, que se queixou do reumatismo: curvar-se para apanhar lenha, eis o inferno. Cuijck recomendou que passasse sua pomada de cogumelos de 10 em 10 horas e o mal evaporaria. Como não tinha dinheiro, Mame Beile deixou um *leikah* e uma pergunta:

— O “Reb” é casado?

— Casado, mas não “Rebe”.

A casamenteira, desiludida, guardou a pomada no bolso do avental e saiu. O segundo cliente, que Benjamin conduziu ao quarto, era um jogador, que perdera a orelha esquerda, ao descobrirem seu “Ás” na manga. O órgão faltoso embaralhava a audição do infeliz. Cuijck recomendou empapar algodão com seu extrato de hortelã e deixar no ouvido alguns dias; o revitalizante era maravilhoso. O jogador lançou sete moedas na mesa. Uma delas era falsa. O terceiro consulente foi Arie Velvel, o idiota do *shtetl*,



todo babado, que Cuijck logo expulsou, pois estava ameaçando urinar em sua cama. O imbecil não tinha remédio, embora imitasse os passarinhos com perfeição. Mais doze fregueses entraram e saíram, desembolsando algo para o esguio grisalho. Então Benjamin disse, entre vaias, que os poderes do “doutor” estavam exaustos e ele interromperia as consultas até o dia seguinte. Mas jurava quadruplicar os atendimentos na próxima sessão.

4

Após farta refeição matinal (Benjamin não ousou nem aspirar o presunto), Cuijck, limpando um fiapo de compota entre os dentes, disse ao jovem parceiro que começasse a ajeitar os consulentes. A camareira cumprimentou Benjamin, que respondeu com o coração rufando no peito: será que a moça, na noite anterior, tivera insônia pela cadelinha ou por ele? A primeira cliente daquele dia era Agnes, prostituta ruiva, gorda e temperamental, apelidada de “Grisu” (gás inflamável e explosivo), que foi logo se despindo. Cuijck disse que não aceitava aquela espécie de pagamento, mas Agnes tropejou, apontando sua cave:

— A terrível coceira que sinto aqui pôde ser levada a outras pessoas?

Cuijck examinou-a e concluiu:

— Sim.

— Então vou me consolar, quando metade do povoado estiver metendo as unhas nos bagos, estertorou Agnes, debochada.

O esguio mais velho sorriu, recomendando linimento de óleo negro. Logo após, assíduos da ruiva, na fila, quase esgotaram o estoque. O último consulente foi, ao crepúsculo, o bedel da sinagoga, que não esquecia a bebida, depois que sua filha fugira com um *sheiguetz*.

Rogou ao “doutor” que lhe aconselhasse algo contra o alcoolismo. Cuijck explicou:

— Você erra mais em beber do que sua filha nos braços de um cristão. Conforme-se: é o único remédio. Um dia você olhará até as fezes de seu neto com ternura.

No quarto da hospedaria, enquanto contabilizavam os ganhos, Cuijck comentou o caso do *shames*, correligionário de Benjamin. O jovem disse que conhecia fatos semelhantes e apostava toda a fêria como o bedel deveria estar, naquele momento, entalado numa garrafa de *shnaps*. O lucro fora de: 72 moedas, 15 joias, 4 galinhas e 2 sacos de beterrabas. Os alimentos foram doados à cozinha da “Oks”, em retribuição pelos serviços gratuitos. O senhor Jablonski agradeceu, comovido. Após o jantar, regado a vinho, foram descansar os ossos fatigados. No sonho de Benjamin, cruzavam-se filas intermináveis de consulentes mancos e a camareira, coberta apenas com os pelos da cadelinha Geneviève.

5



No início da segunda semana, Cuijck recebeu a carta de um opulento fazendeiro, entregue por seu filho bastardo, que declarava:

“Doutores, a ressurreição que prometem fazer, me gela de pavor. Eu tive, como esposa, uma ave de rapina, que a bondade de Deus tarde me levou. Hoje eu seria o mais desgraçado dos mortais, se ela batesse à minha porta. Rogo-lhes que não realizem o grande ato no povoado. Aceitem o copo de ouro que o mensageiro lhes entregará como indenização. Conto com a desistência de ambos, cordialmente, Thomas Ankudim.”

O esguio mais velho, estendendo a carta a Benjamin, comentou:

— Eu não disse que lia os corações até no escuro?

O primeiro cliente do dia foi o vigário da região, que acabava de voltar de Breevoort, onde casara um primo. O padre Doll, que acreditava em milagres, queria sondar Cuijck, pretextando problemas hemorroidais. O esguio mais velho percebeu as investigações do religioso e disse que não precisaria apalpar o traseiro do padre para crer em sua palavra. O vigário saiu com um frasco. O quinto cliente, um lenhador cego, surgiu com talhos de machado, solicitando alívio. Cuijck falou:

— Mais cegos são os seus filhos, que lhe permitem trabalhar nesta profissão.

— Doutor, eu vivo só e preciso sobreviver.

— Então arranje outro cargo.

— Sempre fui lenhador, antes de cegar, e agora sei apenas isto.

O esguio mais velho, condoído, deu-lhe pomada e 15 moedas (que sacara de um peleteiro) para alugar um empregado. Recebeu, em câmbio, um beijo nas faces. Cuijck desabafou com Benjamin:

— Judas é que foi beijado.

Mas, naquele instante, os pensamentos do esguio jovem estavam imantados na camareira.

6

Chegaram à hospedaria “Oks” dois jovens lamuriantes, que queriam dialogar com o “doutor” Cuijck, fora do expediente. Benjamin foi consultar o chefe, que se negou a atendê-los, pois estava fumando seu cachimbo pensativo. Mas os moços tanto insistiram que o esguio mais velho, recolocando a dentadura, dignou-se a recebê-los. Os gêmeos Glass ofereceram seu barco, “Sea-Gull” (Gaivota), caso Cuijck paralisasse seu dom ressuscitador, pois temiam o regresso de um tio macróbio, cuja herança acabavam de receber. Mostraram ao “doutor” um daguerreótipo da nave, gabando sua excelente saúde e porte. Cuijck, encantado por todos os poros, empenhou sua palavra semidivina que os atenderia, em troca da escritura do barco. Benjamin, horrorizado com a má-fé, foi vomitar no jardim da hospedaria. A camareira, solícita, deu-lhe uma fronha cândida para a limpeza.



— Alguma comida lhe fez mal? perguntaram os lábios carnudos.

— Não, respondeu o esguio jovem, hasteando a coragem, sempre me sinto assim, desamado.

E olhou-a com decisão e os cantos dos lábios ainda sujos. A camareira, enrubescida, apenas balbuciou:

— É... comigo?!

Benjamin, tomando-lhe as mãos (cinco franhas caíram sobre os espinhos das rosas), sussurrou:

— Sim, se eu fosse digno. Mas não quero seus olhos na multidão, quando me enforcarem.

À tarde, deixaram 32 clientes desolados, quando foram visitar o “Sea-Gull”, no lago Dionaz. O piloso marinheiro, já avisado pelos Glass sobre os novos patrões, recebeu-os com um sorriso ancorado. Instalou-os confortavelmente no convés, para que aprovassem a paisagem e suas habilidades aquáticas.

— Sempre quis um barco para acompanhar o mundo, disse Cuijck. Mas meu pai era um reles amanuense e isto seria mais um sonho inútil de infância. Quando a tuberculose o secou, minha mãe vendeu quase tudo para dar-lhe um jazigo decente. Prometi-me que não acabaria como ele. Agora, consegui o barco, sem levantar um dedo...

— Mas às custas de dois jovens apavorados, criticou Benjamin. Não há mérito algum, só crueldade.

— Eles pagaram por sua ambição, justificou Cuijck. Agora vão dormir mais tranquilos que sua camareira.

E riu. O céu azul, duplicado na água, sugeria pureza, mas o esguio velho pensava no poder e o jovem no amor e no remorso.

7

Aos irmãos Glass, sucederam-se outros, que também quiseram subornar os esguios, com a mesma súplica. A uns, bem recasados, repugnava acolher novamente o/a cônjuge: quantas brigas infernizariam o lar dos bígamos? A outros, horrorizava a volta de pessoas que sabiam os seus mais íntimos segredos. Para Benjamin, que anotava os proventos, pouco interessavam as moedas, joias e cheques depositados no cofre da hospedaria, se outro valor, mais precioso, que lá fatigava, lhe era inacessível. Uma noite de lua cheia, o esguio jovem, enlouquecido de paixão, foi arranhar a porta da camareira: uma coruja piava nas cornijas da hospedaria. Maria, insone, abriu-lhe a porta, surpresa; depois, o coração. Entre beijos e sílabas amorosas, traçaram planos. A camareira desejava casar-se na igreja do vigário Doll, mas Benjamin era judeu, algo displicente, mas judeu, e não aceitava isto. Se ela quisesse, apenas, D-us os casaria,



como um terceiro membro da fuga. Maria hesitou e o silêncio noturno fez-se pleno na “Oks”. Benjamin teve que voltar ao seu quarto, pois Cuijck às vezes despertava, no meio da noite, para se masturbar.

8

Um dia, quando as três semanas estipuladas estavam quase agonizantes, os remédios acabaram. Cuijck, insaciável, levou os frascos ao lago Dionaz e encheu-os de água, adicionando limo e flores pisadas. Para o crédulo povo de Busken, até o excremento de ratos curaria suas moléstias. Benjamin, enojado com o parceiro, conjeturava punições divinas a tanta sordidez: ele, conivente, também receberia seu naco. 26 clientes aceitaram, com sorrisos imbecis, as poções de lago, limo e flores. Cuijck ia cachimbar, apalpando o lucro, quando percebeu, entre a fumaça azul, a indisfarçável ira de Benjamin. Interrogou-o:

— O que está acontecendo conosco? Não somos unha e carne? Você, a cada dia, parece se distanciar mais de mim. Sei que sua cabeça está no colo da camareira, mas, enquanto suarmos juntos, tem que ser meu próximo.

Benjamin explicou:

— Sabe, Cuijck, eu entrei neste engano para sair de casa. Meus pais, judeus ortodoxos, me aniquilavam com seus rígidos preceitos. Eu não podia nem ser jovem, que já me achavam pecador. Vejo, porém, que caí no extremo oposto: você está indo longe demais em sua infâmia. Quer sugar este *shtetl*, só deixando os ossos? Por acaso se julga um deus?

— Não, Benjamin. Só desejo recuperar o que o mundo negou à minha infância e, possivelmente, recusaria à minha velhice. Nunca mais quero pronunciar a palavra “miséria”. Este povoado é apenas meu primeiro saque ambicioso: o mapa do país é grande. Você vem comigo?

— Talvez.

9

Na véspera da grande ressurreição, os coveiros tinham podado os ciprestes, varrido o solo santo, lavado e ornamentado os jazigos do cemitério cristão. *Rebe* Iankel recomendou que a comunidade não ousasse profanar os mortos, aceitando seu retorno. – Só o Messias deverá ressuscitar os mortos quando vier.

Alguns beberam suas palavras, com entusiasmo, outros não. Finalmente, o próprio juiz veio esclarecer aos miraculosos que não duvidava, de modo algum, de seus poderes, demonstrados por muitíssimas curas extraordinárias. Porém a experiência do dia seguinte, no campo-santo, já tinha amotinado toda Busken, que temia recuperar, arejados, defuntos indesejáveis e os verdadeiros donos de fortunas gozadas por herdeiros. O esguio mais velho estranhou a reação popular, algo retardada: estavam a três semanas no povoado e só raras pessoas tinham oferecido subornos



antirressurreição. A maioria, por respeito ou pavor, deixara as explosões para a última hora. Em consequência disto, o juiz rogou que ambos partissem, oferecendo-lhes um atestado oficial, onde constariam seus méritos (provados) de ressuscitadores. Cuijck, olímpico, aceitou, sob três condições:

- Quero algumas pessoas robustas para carregarem meus pertences até o “Sea-Gull”. Que a certidão seja assinada, firmada e legalizada por todos os cidadãos influentes de Busken, que ainda me pagarão 500 moedas de ouro.
- Seja.

10

- Cuijck, aqui nos separamos. Já que fomos sócios, também quero algo: o carroção, os alimentos arrecadados nos últimos dias e algumas moedas para comprar uma nova cadelinha Geneviève.
- Benjamin, você é, como dizem os judeus, um *shlimazel*: despreza sua única chance de se tornar um Rothschild.
- Ou de ter uma gravata de corda...
- Lamba a sua consciência, pobretão! Vou mostrar ao mundo meu talento sobrenatural e, em breve, serei seu rei.
- Adeus, Majestade!

11

Névoa tenra, um carroção rubro partiu da única praça de Busken, levando dois corações mais vermelhos ainda. Só que Cuijck, corruptor, tinha enchido os sacos de beterrabas com moedas.

Glossário

1. Talmud: o livro judaico só menos importante que a Bíblia.
2. Pogroms: violentos ataques populares a judeus.
3. Shtetl: povoado, aldeia.
4. Oks: boi.
5. Shadken: casamenteir(o,a).
6. Leikah: bolo.
7. Reb: senhor.
8. Sheiguetz: rapaz não judeu.



9. Shames: bedel da sinagoga.

10. Shnaps: aguardente.

11. Shlimazel: azarado.

Recebido em: 07/11/2016.

Aprovado em: 02/02/2017.